



ESAIO EDITORIAL

Recolher o Mel da Colmeia

Acessibilidade dos Recursos na África e nas Caraíbas

Joshua Robert BARRON

ORCID: 0000-0002-9503-6799
ACTEA, Enoomatasiáni, Quênia
Joshua.Barron@ACTEAweb.org

Introdução

África não é pobre. De acordo com os dados utilizados, o PIB anual do continente africano, onde vivo, situa-se entre 2,8 e 3,7 biliões de dólares americanos.¹ Embora o PIB per capita dos países do Norte (minoría mundial) continue a ser significativamente superior ao dos países africanos, o PIB do continente representa uma riqueza inimaginável para a maioria de nós. Mas é evidente que nem todos os africanos têm acesso igual aos recursos. A riqueza petrolífera da Líbia confere-lhe um PIB per capita de 7091 dólares americanos. O PIB per capita do pequeno Burundi é de apenas 233 dólares. No entanto, o Burundi tem vários multimilionários que acumulam a maior parte dos rendimentos anuais, distorcendo assim a média: os pobres do Burundi são, segundo os padrões mundiais, muito pobres. As estatísticas para as Caraíbas contam uma história semelhante. Embora muitos caribenhos, tal como muitos africanos, sofram de uma pobreza real e devastadora, as próprias Caraíbas não são pobres.

A África e as Caraíbas negras não são pobres. Quer se trate de recursos naturais ou do potencial de trabalho e criatividade humana, são ricas. Mas muitas vezes parece que as nações industrializadas ricas do mundo — os antigos colonizadores imperiais da Europa, os novos colonizadores económicos do

¹ Todos os meus cálculos baseiam-se nos números apresentados por Pallavi Rao, “Mapped: Just Five Countries Make Up Half of Africa’s GDP” (‘Mapeado: apenas cinco países representam metade do PIB africano’), *Visual Capitalist*, 5 de outubro de 2024, <https://www.visualcapitalist.com/mapped-just-five-countries-make-up-half-of-africas-gdp/>. Para contextualizar a minha participação nesta discussão, nasci e cresci nos Estados Unidos, mas vivo com a minha família no Quênia há duas décadas, onde ocupei vários cargos ministeriais e atualmente trabalho como professor de teologia e editor. Embora trate tanto das realidades africanas como caribenhas neste ensaio, o meu contexto principal, e, portanto, a fonte da maioria das minhas estatísticas e exemplos, é o continente africano.

Joshua Robert Barron, *gestore-co-editore*

**Esaijo Editorial: Recolher o Mel da Colmeia:
Acessibilidade dos Recursos na África e nas Caraíbas**

Ocidente (por exemplo, os Estados Unidos, o Canadá, os países da UE) e do Leste (por exemplo, a China) — continuam a enriquecer às custas de África e dos africanos, das Caraíbas e dos caribenhos.

A África e as Caraíbas negras não são pobres. Em termos de criatividade, produção de conhecimento e inventividade empresarial, a África e as Caraíbas são de uma riqueza incomensurável. No Quênia, onde me sinto em casa e vivo há quase vinte anos, por exemplo, os criadores de gado seminómadas que vivem longe de estradas asfaltadas e de eletricidade (com exceção de painéis solares e pequenos geradores portáteis caros) têm, no entanto, acesso a serviços de pagamento móvel, mesmo sem smartphone, desde o lançamento do M-Pesa pela Safaricom em 2007. A sua utilização generalizou-se a todos os níveis económicos, mesmo antes de a maioria dos norte-americanos ter tomado consciência das suas possibilidades. Em matéria de produção de conhecimento, particularmente nas áreas da teologia, estudos bíblicos e cristianismo global, os africanos e caribenhos de origem africana produzem regularmente muitos novos artigos, capítulos, monografias e lançam anualmente novas revistas para catalogar. No entanto, a acessibilidade continua a ser muito desigual.

Publicação e acesso a recursos na África e nas Caraíbas Negras

Muitos académicos africanos e caribenhos publicam os seus trabalhos em editoras do Norte. Consequentemente, mesmo académicos experientes e respeitados como Jesse N. K. Mugambi, do Quênia, não têm meios para comprar um exemplar de uma obra na qual publicaram um capítulo, o que significa que provavelmente também é inacessível para as suas comunidades religiosas e académicas locais, que deveriam ser o seu público principal.² Enquanto o ensino teológico nos países do Norte/mundo minoritário parece estar em rápido declínio — o mundo teológico ficou recentemente chocado com o anúncio do encerramento, após 130 anos de existência, da *Trinity Evangelical Divinity School* (TEDS), uma das faculdades de teologia mais importantes e influentes do mundo —, o ensino teológico em África continua a desenvolver-se. A cada ano, mais e mais instituições teológicas solicitam seu credenciamento à Associação Cristã de Teologia e Educação na África (ACTEA) e o número de membros de associações académicas como a *Africa Society of Evangelical Theology* (ASET) e a *African Homiletics Society* (AHS) continua a aumentar. Da mesma forma, a *Caribbean Evangelical Theological Association* (CETA) continua ativa e participa em conferências internacionais do Conselho Internacional para a Educação Teológica Evangélica (ICETE em inglês). A *Conference on Theology in the Caribbean Today* (CTCT) mantém uma atividade intensa.

² É uma queixa que o professor Jesse me fez várias vezes.

No entanto, tanto na África como nas Caraíbas, professores e estudantes muitas vezes não têm meios para aceder às principais revistas e editoras do mundo minoritário. Serviços de assinatura como Brill, EBSCO, JSTOR, Project Muse, Routledge, Sage Journals e Wiley Online Journals são geralmente destinados a bibliotecas universitárias de prestígio (e ricas) do mundo minoritário e estão simplesmente fora do alcance da maioria de nós aqui na África e nas Caraíbas. O mesmo se aplica a séries de livros essenciais, como *Bible and Theology in Africa* (Peter Lang), *Études Théologiques Africaines* (Brill), e *Studies of Religion in Africa* (Brill). Algumas séries são oferecidas a preços mais razoáveis, como *African Christian Studies Series* (Pickwick Publications, uma marca de Wipf et Stock) e ASET Series (Langham Global Library, uma marca da Langham Literature),³ ambas publicadas em inglês — mas os custos de envio internacional e os exorbitantes direitos aduaneiros locais sobre livros importados constituem um obstáculo difícil de superar.⁴ Consequentemente, o conhecimento produzido pelos investigadores aqui em África (escrevo a partir do Quênia) é frequentemente exportado para o mundo minoritário e depois reimportado para África para benefício do mundo minoritário a preços que nós, aqui em África, simplesmente não podemos pagar. A situação é muito semelhante para os investigadores das Caraíbas.

Como formador teológico em campo transcultural, há muito que me interesso pela acessibilidade dos recursos para os meus alunos. Durante a pandemia da Covid, as minhas aulas certificadas pelo Instituto Bíblico nas zonas rurais do Quênia foram canceladas devido às medidas de confinamento impostas pelo governo. Na impossibilidade de realizar as minhas atividades habituais de ensino, recorri às possibilidades oferecidas pelas redes sociais e pelos espaços virtuais para continuar a interagir com pastores, estudantes e professores de teologia africanos e a servir-lhes de mentor. Isso levou-me, em particular, a cofundar, com o meu amigo zambiano Wakahuholesanga Chisola, a rede *African Christian Theology* (Teologia Cristã Africana), um grupo privado no Facebook (fechado a não membros) (ver <http://www.facebook.com/groups/AfricanChristianTheology>). O grupo destina-se tanto aos africanos do continente como às pessoas de origem africana da diáspora, incluindo as das Caraíbas, bem como a um grupo diversificado de investigadores interessados. Este grupo dispõe de dois recursos: uma pequena biblioteca digital em plena expansão (respeitamos as leis locais e internacionais sobre direitos de autor) para uso dos membros e uma série de bibliografias temáticas selecionadas para

³ Por uma questão de total transparência, gostaria de esclarecer que atualmente sou um dos editores da série *African Christian Studies Series* (Série de Estudos Cristãos Africanos) e que contribuí para vários volumes da série ASET. No entanto, não recebo qualquer rendimento proveniente destas duas séries.

⁴ Na África francófona, as numerosas obras publicadas localmente pela *Éditions du CITAF* são mais acessíveis.

Joshua Robert Barron, *gestore-co-editore*

**Esaiο Editorial: Recolher o Mel da Colmeia:
Acessibilidade dos Recursos na África e nas Caraíbas**

ajudar os membros a saber quais recursos estão disponíveis e onde encontrá-los. A minha participação nesta rede abriu-me portas inesperadas, mas importantes: juntei-me à equipe da ACTEA, participei na criação da revista académica de acesso livre da ACTEA (que está a ler neste momento, caro leitor) e fui convidado a participar como mentor no Projeto de Escrita Transatlântica (*Transatlantic Writing Project* em inglês ou TWP) — cujo resultado encorajador é esta edição especial.

Publicação e Aquisição de Recursos no TWPf

Trabalhar com os meus mentorados do TWP para ajudá-los a aperfeiçoar as suas competências em pesquisa e escrita foi agradável e gratificante. Gostei particularmente dos nossos workshops presenciais em Cape Coast, no Gana, e em Kingston, na Jamaica. Fiquei muito feliz por ajudar um dos participantes a entrar em contacto com uma editora (HippoBooks, uma marca da Langham) e estou ansioso por descobrir a sua monografia; ele também se tornou um amigo querido. Para o TWP como um todo, propus uma introdução à rica tradição teológica africana (listas de séries de livros, revistas importantes do mundo minoritário particularmente relevantes para a África e as Caraíbas negras e revistas importantes publicadas em África, com ênfase nas revistas de acesso livre); a produção de bibliografias *Estudos Africanos*; o processo de submissão de artigos a revistas; e a redação de críticas de livros. Salientou a importância tanto de aproveitar o material *Estudos Africanos* existente como de ter em conta a acessibilidade das nossas próprias publicações.

Observação importante:

Por *Estudos Africanos*, queremos significar antes “relacionado com África” e refere-se a objetos (por exemplo, artefactos, artesanato, livros, documentos) que estão ligados à cultura, história e/ou línguas africanas, ou que são originários desses contextos. O termo Africana designa aqui tanto o continente africano como o Atlântico Negro. *Estudos Africanos* abrange tanto os povos e tradições da África como os de origem africana. Em termos de investigação académica, uma obra de *Estudos Africanos* demonstra um conhecimento profundo e relevante das culturas, contextos e línguas africanas. Pode ser escrita por um autor não africano, mas inclui perspectivas africanas. Da mesma forma, algumas obras africanas são inteiramente escritas numa perspectiva do mundo minoritário (ou seja, “o Ocidente” ou “o Norte global”) e não levam em consideração as realidades contextuais africanas: essas obras não fazem parte da investigação sobre *Estudos Africanos*. É essencial interessar-se pelos contextos africanos ou aplicá-los.⁵

⁵ Esta nota foi adaptada do manual de políticas da revista, de uma secção redigida por mim em colaboração com o professor Fohle Lygunda Li-M.

Joshua Robert Barron, *gestore-co-editore*
Esaiio Editorial: Recolher o Mel da Colmeia:
Acessibilidade dos Recursos na África e nas Caraíbas



Mentores e participantes aproveitando a biblioteca e os recursos do TWP
— St Nicholas Seminary, Cape Coast, Gana

Um dos aspetos mais gratificantes dos nossos workshops presenciais era a possibilidade de organizar «bibliotecas de conferências», onde podíamos fornecer documentos relevantes a baixo custo ou gratuitamente, graças à generosidade de várias editoras, bem como da USPG (*United Society Partners for the Gospel*), que ajudou a concretizar essa visão. A Wipf e Stock forneceram-nos, a preço de custo, títulos da sua série *African Christian Studies Series*; a SCM Press ofereceu um desconto em algumas novas publicações; e a Brill forneceu uma variedade de documentos — gratuitos, a baixo custo ou a preço integral — aos nossos participantes. Os nossos colegas do Instituto Akrofi-Christaller (Akropong-Akuapem, Gana) gentilmente nos trouxeram uma ampla seleção de edições da sua revista, *Journal of African Christian Thought* (Revista de Pensamento Cristão Africano), e uma seleção de publicações Regnum para revenda. Embora esses documentos provenientes de Akrofi já sejam oferecidos a preços acessíveis para o continente, eles estão disponíveis apenas em versão impressa e, portanto, nem sempre são facilmente acessíveis a um público amplo. Ficamos, portanto, muito felizes em disponibilizar esses tesouros aos nossos

participantes durante nossas duas conferências presenciais (em Cape Coast, Gana, e em Kingston, Jamaica).

De Mel e Conhecimento

Há vários anos, li o Salmo 119:11 na tradução Maa (a língua do povo Maasai, por vezes conhecida na África Oriental como *kiMaasai*). Em criança, memorizei este versículo em inglês nas versões KJV e NIV-1984: “*Thy word have I hid in mine heart, that I might not sin against thee*” e “*I have hidden your word in my heart that I might not sin against you.*” Essas duas traduções podem ser traduzidas para o português como “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (ARC). No entanto, a Bíblia em maa não usa o verbo habitual para “esconder,” *aisudoó*. Em vez disso, usa *ashum*, que significa “colocar algo de valor num local seguro para ter acesso a ele em caso de necessidade.” Este verbo está muito mais próximo do significado do verbo hebraico (*šāpanēti*) usado neste versículo. Traduzo o Maa., *atashuma nanu ororei lino to ltai lai pee maas ng’oki tialo iyie*, para o português como “Guardei a tua palavra no meu coração como um recurso precioso para não pecar diante de ti.”⁶ O objetivo de guardar a palavra de Deus como um recurso precioso não é simplesmente protegê-la contra roubo ou danos, mas mais precisamente torná-la facilmente acessível quando necessário.

Tenho tendência a lembrar-me do Salmo 119:11 sempre que leio ou ouço Mateus: “Então [Jesus] disse-lhes: ‘É por isso que todo profissional do conhecimento que se tornou discípulo do reino dos céus é semelhante a um homem que administra uma casa e tira do seu tesouro coisas novas e coisas antigas’” (minha tradução). Como profissional do saber — ou *escriba*, de acordo com a tradução tradicional da palavra grega *grammateùs* — e docente de teologia, o meu trabalho não consiste em acumular conhecimento como um avarento. A minha vocação é, antes, acumular conhecimento para poder disponibilizar recursos valiosos, novos e antigos, que partilho com os meus alunos (e colegas) para o bem da comunidade... e para lhes dar os meios para fazerem o mesmo.

Na cultura Maasai, o mel tem uma importância capital, muito mais do que na antiga cultura israelita do Antigo Testamento. Mas o mel é ferozmente protegido pelas abelhas. Algumas pessoas conhecem as técnicas para colher mel com segurança em colmeias selvagens. Em 2007 ou 2008, participei num safari a pé, acompanhando um grupo de anciãos Maasai cristãos que visitavam quintas isoladas para partilhar a boa nova de Jesus. Encontrámos por acaso alguns jovens que conheciam o comportamento das abelhas. Estavam a colher mel

⁶ Já abordei este assunto em inglês, com mais detalhes técnicos, no meu artigo intitulado, “My God is enkAi: A Reflection of Vernacular African Theology,” *Journal of Language, Culture, and Religion* 2, nº 1 (2021): 1–20, nas pp. 14–15.

numa colmeia selvagem. Os costumes culturais em matéria de comunidade e hospitalidade exigiam que cada um de nós provasse o mel. Sob o sol escaldante do equador, o mel iluminou os nossos olhos. Também vi os olhos dos meus alunos brilharem diante da doçura de um acesso inesperado a recursos importantes.

Muitas vezes, as publicações são como o mel num favo de abelhas: demasiado bem protegidas pelo ferrão do preço, que é demasiado elevado para os investigadores das economias africanas e caribenhas. É essencial que aqueles de nós que conhecem não as abelhas, mas a edição, intervenham para tornar o “mel que ilumina os olhos” dos recursos o mais acessível possível para aqueles que o procuram.

Recursos Inacessíveis para Recursos que Não foram Acessados (ou seja, Recursos não Consultados)

Descrevi brevemente alguns dos muitos desafios relacionados com a inacessibilidade de recursos científicos essenciais em África e nas Caraíbas, mas há também uma questão distinta relativa aos recursos que permanecem inacessíveis. Durante este safari a pé, foram-nos oferecidos os dois tipos de favos — pedaços de mel doce e escorrendo e pedaços de favos contendo *inkera oo lotorok* (‘larvas de abelhas’). Para os pastores (ou seja, criadores de gado) que cuidam do seu gado o dia inteiro sob o sol escaldante do equador, as larvas de abelha, compostas por cerca de 50% de proteínas e 50% de gorduras, são uma fonte nutricional muito rica. Disseram-me que um pouco de *enaisho oo lotorok* (‘mel’) e um pouco de *inkera oo lotorok* são suficientes para dar energia a um homem durante todo o dia. Mas, como americano ainda novato na cultura maasai, confesso que a simples ideia de comer larvas de abelha me deixava um pouco enjoado. No entanto, acontece que nem todos os Maasai gostam de comer *inkera oo lotorok*. Enquanto alguns de nós provámos esta rica fonte de nutrientes, dois dos meus companheiros Maasai que estavam na fila à minha frente abstiveram-se. “Não comemos bebés de abelhas,” disseram-me. Assim, pude aceitar o mel com gratidão, recusando educadamente as larvas, sem ofender a cultura local. No entanto, tenho a certeza de que alguns de nós ficaram perplexos com a nossa recusa de uma oferta tão revigorante.

Da mesma forma, enquanto refletia sobre os resultados das conferências da TWP com outros líderes da TWP, uma questão que me preocupava há muito tempo lembrou-me a segunda parte da minha anedota. Certamente vimos “olhos brilhantes” quando os participantes entravam e saíam das nossas “bibliotecas.” De facto, algumas das melhores fotos da conferência são aquelas que capturam a expressão de alegria nos rostos daqueles que finalmente puderam segurar nas mãos uma cópia física publicada do seu próprio trabalho, ou do trabalho de um novo colega do TWP, ou de um tesouro há muito

procurado e aparentemente inacessível finalmente obtido — sem mencionar aqueles cujos olhos brilharam com a descoberta inesperada de antigas conversas teológicas afro-caribenhas em publicações mais antigas. Mas outra oferta útil, e uma pequena forma de remediar os desequilíbrios acima mencionados, foi a generosa proposta da Brill de oferecer acesso gratuito, na medida do possível, a certos recursos online (normalmente pagos), convidando os participantes do TWP a contactar o representante da Brill para solicitar títulos específicos relevantes para as suas pesquisas/escritos. Dois de nós, líderes do projeto (é interessante notar que um estava em África e o outro nas Caraíbas), aproveitámos de bom grado esta oferta, mas — para nossa grande surpresa — nenhum dos cerca de 25 participantes o fez. Ainda não sabemos por que razão esta oferta gratuita não foi recebida com entusiasmo. Talvez, tal como aqueles que, durante o meu safari a pé, apreciaram o sabor e a riqueza nutricional das «abelhas bebés», os outros se tenham questionado por que razão alguns de nós recusaram uma fonte de alimento tão rica.

Isso continua a ser um ponto a ser analisado: por um lado, a realidade do carácter “oculto” e a inacessibilidade de muitos documentos universitários continua a ser verdadeira; mas talvez haja outros fatores que não identificámos e que tornaram a participação, neste caso específico, um pouco desagradável, assim como a ideia de comer «bebés abelhas» me desagrada. Será que os participantes não compreenderam a oferta? Ou será que o aspeto online destes recursos era repugnante, ou era necessário apoio adicional para realizar pesquisas bibliográficas com o Brill? Ou será que havia outra coisa?

Outra referência cultural maasai pode ser relevante aqui. A palavra *maai erutore* significa “colheita/recolha de mel selvagem.” Curiosamente, embora o mel seja um produto muito apreciado e necessário para muitas práticas culturais tradicionais (incluindo noivados oficiais), a prática do *erutore* era tradicionalmente menosprezada como um trabalho “não maasai.” O mel é reconhecido como extremamente valioso, mas a colheita de mel sempre foi menosprezada na cultura maasai. Parece que o trabalho de recolha de recursos académicos é, por vezes, desvalorizado da mesma forma.

Conclusão

A África e as Caraíbas negras podem ser pobres segundo os critérios do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (IMF em inglês). Certamente existem pessoas nessas regiões que sofrem de pobreza material. Mas a África e as Caraíbas negras não são pobres em termos teológicos ou académicos. Em ambos os casos, o que é necessário é um acesso mais equitativo à riqueza existente — equitativo não só em termos de custo, mas também em termos de acessibilidade — a fim de responder às necessidades e preferências

Joshua Robert Barron, *gestore-co-editore*

**Esaiο Editorial: Recolher o Mel da Colmeia:
Acessibilidade dos Recursos na África e nas Caraíbas**

dos investigadores. Os líderes e mentores do TWP tiveram a sorte de ter acesso a tesouros de conhecimento e experiência.

Esforçámo-nos — com sucesso, creio eu — por «revelar tesouros antigos e novos» aos participantes do projeto, enquanto nós próprios, enquanto líderes e mentores, também beneficiamos com isso. Isso consistiu, nomeadamente, em desenvolver competências para *encontrar* tesouros antigos e novos no processo de investigação e para *partilhar* esses conhecimentos e sabedoria nos seus próprios escritos e publicações, tornando assim esses tesouros mais amplamente acessíveis na universidade, nas aulas e nas congregações. Os tesouros descobertos nesta edição especial, além da bibliografia exaustiva das publicações do projeto, falam por si.